

Bichos

No mês de conscientização sobre a prevenção da infecção parasitária, contamos histórias de cães sobreviventes que, com o acompanhamento e o tratamento adequados, conseguem viver com bem-estar

POR LETÍCIA MOUHAMAD*

Complexa, crônica e com múltiplos sinais, a leishmaniose era, até pouco tempo, motivo de desespero para muitos tutores, dada a sua gravidade. Com possibilidades remotas de tratamentos, a orientação era, quase sempre, optar pela eutanásia. Atualmente, as possibilidades de o animal infectado viver bem são consideráveis e, para além dos cuidados posteriores ao diagnóstico positivo, há também maior conscientização sobre a prevenção da doença, proposta da campanha Agosto Verde.

Por se tratar de uma infecção parasitária que pode ser transmitida de animais para pessoas e vice-versa, merece alerta redobrado das autoridades e especialistas. Segundo dados do Ministério da Saúde, a leishmaniose afeta mais de 3.500 pessoas anualmente e, para cada humano afetado, a estimativa é que haja 200 cães infectados. Existem diferentes manifestações clínicas: a sistêmica, a cutânea e a mucocutânea. A leishmaniose sistêmica ou visceral, além de acometer diversos órgãos, também pode ter apresentação cutânea e é transmitida pelo mosquito palha.

Mais comuns nos cães, o tipo visceral apresenta, inicialmente, sintomas inespecíficos e que podem levar meses ou anos para se manifestarem — 70% dos animais infectados podem ser assintomáticos e manterem-se assim por até sete anos. Os outros 30% poderão manifestar múltiplos sinais: doenças na pele, alteração oftalmológica, emagrecimento, apatia, prostração, claudicação (quando começa a mancar), anemia e aumento das unhas, do baço e dos linfonodos. A insuficiência renal, que também pode ocorrer, é a complicação que mais mata cachorros com a doença.

Conforme explica o veterinário Paulo Tabanez, especializado em doenças infecciosas e diretor da clínica veterinária Tabanez, o diagnóstico da leishmaniose se dá a partir da história clínica do paciente e das alterações laboratoriais, confirmadas por meio de testes moleculares, parasitológicos e sorológicos. Este último,



A leishmaniose não é um impeditivo para Chico viver bem

LEISHMANIOSE NÃO É SENTENÇA DE MORTE

inclusive, quando qualitativo, não é totalmente específico, apesar de ser recomendado na rede pública de saúde, e abre margem a falsos positivos, tópico que traz a tona à discussão do quanto a opção pela eutanásia pode ser equivocada. Diagnósticos fechados somente com testes quantitativos e com coleta de material para análise parasitológica e/ou molecular.

Quanto às opções de tratamentos, recomenda-se administrar medicamentos que visam melhorar a resposta imune e diminuir a inflamação, juntamente àquele específico para tratar a infecção. Hoje, a única droga autorizada no Brasil para o uso em cães é a miltefosina. “Trata-se de um recurso caro e bastante complexo, que demanda a realização de vários diagnósticos para fazer o monitoramento desse animal. Ademais, não é possível eliminar o parasito totalmente; este é apenas reduzido ao ponto de diminuir os sintomas clínicos”, explica Lucas Edel, professor, veterinário e mestre em doenças infecciosas e parasitárias.

Daí a máxima de que é melhor prevenir do que remediar. As medidas de prevenção existentes e atestadas cientificamente, mesmo com certa limitação, devem ser recomendadas. São elas: as coleiras repelentes e os produtos típicos, que apresen-



Chico quando foi resgatado e antes do tratamento

tam maior efetividade frente às demais ações de controle; a vacinação específica para a doença; e, coletivamente, o manejo do ambiente, com o fim de manter a limpeza em dia, realizando a poda de árvores e evitando o acúmulo de matéria orgânica, onde o vetor se multiplica.

Para os tutores com cães diagnosticados com a doença, Tabanez deixa o recado: “É absolutamente possível dar qualidade de vida ao animal, que deve ser tratado e bem amparado. O que o responsável precisa fazer é escolher profissionais que sejam capacitados para acompanhar esse paciente, porque é uma infecção para o resto da vida, sendo importante reconhecer e conhecer as recaídas para que as intervenções sejam rápidas e eficientes”.